

Fo  
CV-20  
1.125/1992

# DIÁLOGO

NÚMERO 5

VOLUME VIII

1975

Seção Especial:

*duf*

3466



## O HOMEM E A SOCIEDADE

Lewis Thomas:  
LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO HUMANA

Seymour Martin Lipset:  
TENDÊNCIAS DA SOCIOLOGIA AMERICANA

Nathan Glazer:  
ETNIA: UM FENÔMENO MUNDIAL

Charles Frankel:  
O ESPECTRO DA EUGENIA

Stanley Milgram:  
OS PERIGOS DA OBEDIÊNCIA

Howard R. Bowen:  
UNIVERSIDADE E RECURSOS HUMANOS

Arthur Koestler:  
HUMOR E ESPÍRITO

Eric Ashby:  
TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO

L. Sprague de Camp:  
LOVECRAFT: UM MESTRE DA FANTASIA

LIVROS EM REVISTA

**DIÁLOGO® É UMA REVISTA BIMESTRAL DE OPINIÃO E DE ANÁLISE SOBRE TEMAS DE INTERESSE INTELECTUAL E CULTURAL DA ATUALIDADE NOS ESTADOS UNIDOS. OS PONTOS DE VISTA EXPRESSOS EM SUAS PÁGINAS SÃO DA EXCLUSIVA RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES E NÃO REFLETEM, NECESSARIAMENTE, PONTOS DE VISTA OU A POLÍTICA DO GOVERNO DOS EUA.**

USIS – Book Translation Program  
Consulado Geral dos Estados Unidos da América  
Avenida Presidente Wilson, 147 – Rio de Janeiro

*Editor:* Nathan Glick

*Editor Associado:* Jacob Sloan

*Editor de Arte:* Joseph D. Hockersmith

*Editor Assistente:* Katherine Montgomery

*Copyright:* Todo o material reproduzido de outras fontes não pode ser publicado sem permissão. Qualquer solicitação nesse sentido deve ser encaminhada diretamente às fontes citadas ou ao USIS, Consulado Geral dos Estados Unidos da América, Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro. Tradução brasileira da edição norte-americana: DIALOGUE.

## ETNIA: UM FENÔMENO MUNDIAL

Nathan Glazer

*A última década presenciou uma mudança considerável na linguagem — e na realidade — das relações de grupo em todo o mundo. A identificação das pessoas pelo critério de raça, religião ou classe tornou-se menos significativa do que o encará-las em termos de seus devotamentos "étnicos". No artigo que se segue, condensado do Encounter, um eminente sociólogo americano examina o aparecimento de uma nova tendência mundial no conflito social, baseada em "etnia", uma identificação que combina cultura e biologia em proporções diversas. Nathan Glazer é professor de educação e de estrutura social da Universidade Harvard. Seus dois livros mais recentes tratam do assunto deste ensaio: *Ethnicity: Theory and Experience*, (Etnia: Teoria e Experiência) em co-autoria com Daniel Patrick Moynihan, o novo embaixador americano junto às Nações Unidas, e *Ethnic Inequality and Public Policy*, (Desigualdade Étnica e Política Pública) título provisório de um volume cuja publicação está prevista para o final de 1975. É também co-autor (com David Riesman e Reuel Denney) de *The Lonely Crowd*, um estudo clássico do caráter americano.*



**E**XISTEM no mundo algumas tendências que sejam facilmente discerníveis — políticas, sociais, econômicas — que estejam levando, de um modo geral, ao agravamento dos conflitos étnicos?

Sabidamente, há até mesmo problemas implicados na exata definição de se existe ou não um aumento nos "conflitos étnicos". Assim é que temos o persistente conflito existente entre os povos de língua inglesa e de língua francesa no Canadá. Trata-se de um conflito "étnico" ou um conflito de "língua", ou da luta de uma "nação reprimida" pela independência? Temos a divisão entre os elementos "Índio" e "Espanhol" em alguns países da América Latina. São eles "conflitos étnicos"? Temos o trágico conflito entre protestantes e católicos na Irlanda do Norte. Mas não é ele, essencialmente, um conflito "religioso"?

Temos os movimentos pela autonomia escocesa e galês na Grã Bretanha; movimentos bretão e catalão na França; a tensão entre a Itália do norte e a do sul. Alguns observadores definiriam esses conflitos antes como "regionais" do que movimentos "étnicos". Em cada um dos casos, uma parcela distante do país não partilhou da prosperidade do centro e isso parece ter acordado uma consciência étnica há muito adormecida. Não se sabe se o grupo que pressiona por autonomia ou por maiores fundos do governo central sente-se despojado devido a uma dife-

rença étnica ou por causa de discriminação regional. O grupo pode escolher quais das causas da exclusão enfatizar.

Não continuarei a fazer essa volta ao mundo, mas se o fizesse encontraríamos uma multidão de conflitos em que raça, religião, região e nacionalidade estão em causa. Recentemente vi referências nos jornais ao reaparecimento de conflito entre Kurdos do Iraque e os Iraquês (partilham a mesma religião) e entre os mulsumanos e os cristãos das Filipinas. Em ambos os casos encontra-se um elemento internacional no conflito — porque há também Kurdos no Irã e na Turquia (e o Irã e o Iraque têm conflitos de fronteira), enquanto que os mulsumanos das Filipinas estão ligados (pela religião assim como por antigas ligações políticas e culturais) com Borneo do norte, que atualmente faz parte da Malaia. A Indonésia também está envolvida, pelo menos de maneira distante, — porque, num regime anterior, a Indonésia sonhou com um “maior Império Malaio”, que incluía a Maláia e as Filipinas.

### *Etnia e Raça*

Permitam-me esclarecer essas diversas bases das divisões de grupo que parecem tão diversas e justificar porque as rotulo todas como *étnicas*. O termo “étnico” refere-se — e esse é um emprego que já agora é bastante comum entre sociólogos e outros cientistas sociais — a *um grupo social que conscientemente partilha alguns aspectos de uma cultura e que é definido sobretudo pela descendência*. Faz parte de uma família de termos de sentido semelhante ou relacionado, tais como “grupo minoritário”, “raça” e “nação”; não sendo frequentemente fácil fazer uma nítida distinção entre eles.

“Raça” refere-se, naturalmente, a um grupo que é definido por uma descendência comum e que tem algumas características físicas típicas. Em que ponto se decide que acaba uma “raça” e onde começa um “grupo étnico” não é fácil. Os suecos são (em média) fisicamente algo diferentes dos franceses e italianos; mas normalmente não usamos a palavra “raça” para descrever essas diferenças. Por outro lado, segundo o hábito europeu, pelo menos até à época de Hitler, “raça” era usada para descrever de maneira bastante desprezível aquilo a que chamaríamos de “nação” — como quando se diz “o gênio da raça francesa”. *Raça* tende a referir-se ao aspecto biológico da diferença de grupo, *étnico* a uma combinação do aspecto cultural com um elemento biológico putativo devido à presunção de uma descendência comum.

Uma raça pode não ser um grupo étnico. Em algumas descrições, os brasileiros de raça predominantemente negra não são classificados como um grupo étnico porque não estão particularmente conscientes de uma cultura comum diferente da dos outros brasileiros. Isso é também porque não têm uma auto-identificação conjunta como um grupo distinto, muito embora alguns, *individualmente*, percebam suas características físicas e que essas diferenças físicas tendem a serem associadas com algumas características comuns de grupo, como um nível de renda mais baixo ou determinadas ocupações. Recentes informações do Brasil parecem mostrar que os negros no Brasil começam a constituir um grupo étnico. Isso estaria de acordo com um dos maiores temas do meu artigo, ou seja, que o grupo étnico está tendendo a se tornar, em muitos países, uma base mais significativa de organização social e de identificação individual.

### *Religião e Grupo Social*

“Raça”, então, refere-se mais a alguma coisa, de modo geral, física do que grupo étnico. “Religião”, outra base significativa da organização humana, pelo que é, parece ser outra coisa completamente diferente de grupo étnico. As religiões, de

acôrdo com o consenso comum, baseiam-se em conversão e em adesão individual. As grandes religiões — Cristianismo, Islamismo, Budismo — incluem indivíduos e grupos de todas as raças e categorias étnicas. No entanto, nas específicas realidades das relações sociais, os grupos religiosos frequentemente agem como grupos étnicos e assim são encarados. A grande maioria das pessoas, afinal de contas, nasceram numa religião, antes do que a adotaram, da mesma maneira como nasceram num grupo étnico. A esse respeito, ambos são semelhantes. São ambos grupos em que o "status" nos é dado imediatamente por nascimento e não por alguma atividade de nossa vida.

As religiões são geralmente, em qualquer determinado ambiente, especificamente associadas a um grupo étnico definido. Assim, no Sudão e Tchad, grupos de língua árabe no norte (que são mulsumanos) contrastam com grupos negros no sul (que são pagãos ou cristãos). Na Nigéria, o grupo linguístico do norte (ou grupo tribal ou étnico) de Hausa é mulsumano, enquanto que os Ibo e Yoruba são cristãos. Assim, quando um Hausa encontra um Ibo, eles pressupõem que a religião do outro é, respectivamente, mulsumana e cristã. Nos Estados Unidos, quase todos os poloneses são católicos e quase todos os suecos são luteranos — no caso de terem alguma afiliação religiosa. Afóra a normal conexão estreita entre religião e grupo étnico, a religião é, por si mesma, formadora de cultura e, assim, molda os grupos étnicos.

Assim a "religião", a não ser durante períodos de conversão e de expansão, quando os membros de quaisquer grupos étnicos podem ser arrebatados por uma religião, é, no contexto social, uma categoria que se assemelha muito com o que chamamos de "grupo étnico".

Talvez que a questão mais difícil no estabelecimento dos limites do termo grupo étnico seja a do seu relacionamento a *casta*: grupos sociais determinados pelo nascimento e pela origem de alguns distantes ancestrais, casamento entre eles, que tradicionalmente são fixados por um degrau específico da escada hierárquica, e limitados a ocupações específicas. Identifica-se "casta" sobretudo com a Índia, e, no entanto, existem outros casos. Uma famosa é a dos "Eta" ou "Burakumin" do Japão. Os judeus na Europa medieval e no início da era moderna eram tratados como uma casta — tinham uma posição hierárquica baixa permanentemente, casavam entre si, estavam restritos a determinadas ocupações e tinham em torno de si (para os cristãos) um ar de impureza ritual.

### Estados e Nações

Creio que a introdução bastante longa é necessária tendo em vista as confusões existentes e levando em conta o fato de que me referirei ocasionalmente a grupos religiosos, grupos raciais, grupos tribais, grupos linguísticos chamando-os todos de "grupos étnicos". Procurarei justificar esse termo muito inclusivo respondendo à pergunta óbvia: O que *não* é um grupo étnico? Coloco alguma restrição ao termo? Sim, eu o faço. Afinal de contas, apesar da distancia em que os nossos estudos sociológicos se encontram das mais respeitáveis ciências físicas, nossos termos devem ter algumas definições claras e o meio de dar uma definição clara é estabelecer limites.

Existem duas importantes formas sociais que *não* são grupos étnicos. Uma delas é a comunidade política: o Estado e seus membros. A outra grande exceção é a nossa própria classe social.

Os americanos frequentemente chamam um Estado de uma "nação", mas na maioria das línguas européias nação refere-se especialmente ao grupo étnico e o Estado à organização política formal que concede cidadania. A estreita união entre Estado e nação surgiu devido a que no decorrer da história européia e em particular no século XIX, com o aparecimento do nacionalismo, cada uma das

nações exigiu seu próprio Estado. Isso levou à criação da Alemanha e Itália modernas, à formação de Estados europeus étnicos (ou seja, Bulgária, Servia, Albânia) oriundos do Império Otomano, ao desmembramento do Império Austro-Húngaro em seus componentes étnicos, cada um deles constituindo um Estado, e à criação das nações-estados étnicos das fronteiras ocidentais do antigo Império Czarista.

Os Estados Unidos são talvez os únicos entre os Estados do mundo a usarem o termo "nação" para referir-se não a um grupo étnico mas a todos aqueles que decidem se tornar americanos. "A nação americana", um termo perfeitamente legítimo, não está limitado em seu uso àqueles que têm uma determinada herança. Apesar disso, durante as negociações de paz após a Primeira Guerra Mundial, o Presidente Woodrow Wilson (com sua ênfase na autodeterminação nacional) insistiu que qualquer outro grupo étnico, sob não importa que organização política, deveria ter seu próprio Estado. O contraste vital entre nação e estado foi observado em grande parte entre as duas Grandes Guerras, quando tantos dos Estados independentes do mundo foram organizados com base em um único grupo étnico dominante. Aqueles que permaneceram como minorias étnicas dentro de tais Estados esperavam por uma eventual reunião com a nação-estado que representava seu próprio grupo étnico.

### *Dissolução dos Impérios Coloniais*

No mundo de após 1945 a íntima união entre estado e nação, que havia dominado os esforços de constituição dos Estados posteriores ao armistício de 1918 (e da política da Europa entre as duas Guerras Mundiais), foi novamente quebrada. Porque a maioria dos novos Estados que foram formados dos impérios coloniais não eram "nações estados", isto é, Estados representando uma única etnia. E ainda assim o mundo, numa reação súbita à guerra e à conquista, tornou-se fortemente apegado às antigas fronteiras — quaisquer fronteiras, estabelecidas de qualquer maneira. O grande número de novos Estados formados dos impérios coloniais simplesmente aceitavam as antigas fronteiras coloniais acidentais. Esses novos Estados defrontavam-se então com o problema de — como eles e outros o viam — tornarem-se "nações", modelando povos de diferentes grupos étnicos em "Nigerianos" ou "Quenianos", ou outros povos.

Os problemas dos recém independentes estados da Ásia foram algo diferentes. Eram antigas tradições culturais ou divisas de estados imperiais que não tornavam as fronteiras tão arbitrárias como o eram na África. Mas até mesmo lá — no Paquistão, Índia, Burma, Indonésia, Malaia — o problema de criar uma única nação tornou-se grave, variando de intensidade de país para país. O problema em cada caso era: Seriam outras identidades — religiosas, linguísticas, raciais e de castas — submersas numa nova identidade nacional? Ou tornar-se-iam (para empregar novamente nosso termo problemático) identidades étnicas, com alguma possível reivindicação à existência de sua própria espécie de estado? Estariam eles logo pedindo o reconhecimento político do seu isolamento, com talvez uma última reivindicação ao direito de secessão?

A única forma social então que não é um grupo étnico é o Estado. É assim apesar do fato de que, de acordo com o modo de pensar europeu, (e, até certo ponto, asiático) geralmente aceito como incontestável, a forma ideal do Estado é aquela em que existe um estado para cada grupo étnico e um grupo étnico para cada estado. No caso da África, isso é quase impossível — o conflito que surgiria da criação de uma tal forma seria insuportável e, conseqüentemente, foi raramente tentado.

Há por certo uma tensão entre grupos étnicos e Estados. À medida que cada Estado tenta tornar-se uma nação, ele procura reduzir a intensidade das reivindicações étnicas subordinadas. O problema é que tanto os grupos étnicos como os

estados exigem lealdade total. E o Estado, inevitavelmente, entra em conflito com qualquer forma social que tem uma reivindicação de lealdade total. Num determinado momento, essa reivindicação competitiva foi fortemente sobrepujada pela religião. Com o declínio da religião, essa reivindicação competitiva é fortemente estimulada pela etnia.

Os estados não são, pois, grupos étnicos, embora o termo associativo "nação" possa ser empregado como uma coisa ou outra. As nações não são, necessariamente, grupos étnicos, embora aquelas que não são portadoras de um grupo étnico procurem criar uma nova identidade nacional, a qual (caso o consigam) torna-se uma nova etnia.

### *Classe Social*

Existe uma outra restrição crucial que limita os grupos étnicos. As classes sociais não são grupos étnicos.

Ninguém nasce trabalhador não especializado, escriturário ou balconista, ou um profissional. Nasce-se numa família em que o chefe pode ocupar uma tal ocupação. Algumas teorias insistem que isso significa, na verdade, que a nossa futura ocupação e renda são fixadas pelo nascimento. Mas se fôsse assim, não estaríamos tão interessados em "mobilidade social". Mobilidade social refere-se especificamente a movimentos entre as camadas da sociedade, de uma ocupação, de um nível de renda, de um padrão educacional para outro. Mobilidade social é um termo que não pode ser utilizado para referir-se à mudança de um grupo étnico para outro.

Outros termos são necessários. Assim como a "mobilidade social" aplica-se especificamente ao fenômeno de *classe* da sociedade, assim "assimilação", "aculturação" e "transformação" aplicam-se ao fenômeno étnico. Esses são processos que são mais excepcionais do que os de mobilidade social. Não são processos aceitos — ou esperados. É verdade que há povos que se assimilam a outros e que mudam sua identidade étnica com o passar do tempo. Mas é mais ou menos aceita a idéia de que a linhagem étnica permanece imutável.

Assim, "grupo étnico" conforme o emprego, refere-se basicamente às divisões verticais de uma sociedade, em contraste com as divisões horizontais. As divisões horizontais referem-se a *classe*; as divisões verticais à *etnia*. Algumas vezes elas coincidem, como no caso dos negros no sul da América em que todos eles se encontravam, por definição, durante longo tempo, na classe mais baixa (ou, tendo em vista sua incapacidade, casta). E no entanto a distinção era evidente. À medida que os negros subiram socialmente e tornaram-se médicos, profissionais e trabalhadores de colarinho, a sua *classe* mudou. Mas o seu *grupo étnico* permaneceu o mesmo. Até mesmo na Índia, o país clássico das castas, observa-se fenômeno semelhante. A correlação entre casta e classe torna-se algo mais fraco com o passar do tempo. Os grupos de casta tornam-se, na minha definição, "grupos étnicos". Talvez que o melhor indicio disso é que as castas são cada vez mais chamadas de "comunidades", à medida que as posições sociais dos seus membros se tornam mais diversas.

### *A Nova Etnia*

É ao longo dos limites entre grupo étnico e estado (por um lado) e as relações de grupo étnico e classe social (por outro lado) onde presenciamos, nas duas últimas décadas, algumas mudanças extraordinárias. Essas mudanças tornaram a *etnia* uma nova e problemática força nas relações internas e internacionais.

Vejamos primeiro as relações entre Estados e grupos étnicos. O antigo modelo de nacionalismo — para cada nação um estado, para cada estado uma nação —

retrocedeu na distância. Torna-se cada vez mais difícil torná-lo uma base efetiva para a organização internacional. Um certo número de mudanças levaram ao desaparecimento desse modelo.

1. Por demais novos estados foram criados que não são, e que não podem se tornar num futuro próximo, Estados de um determinado grupo étnico. Refiro-me sobretudo aos novos estados da África e, até certo ponto, a alguns da Ásia. Nesses casos, vimos o surgimento de uma nova preocupação com a "criação de nação". Vimos também as esperanças dessa criação complicadas ou desvanecidas nas bases das antigas divisões — raciais, religiosas, linguísticas, tribais. Cada divisão assumiu a forma comum de grupo étnico.

2. Fomos surpreendidos com o aparecimento de novas identidades étnicas ou quase étnicas naqueles estados que eram considerados quer como modelos de modernas nações-estados ou como sucesso de subordinação de suas divisões étnicas à "lealdade total" da nação. Consideremos, por exemplo, aquele modelo de cometimento patriótico durante a Primeira Grande Guerra — a Bélgica. Vêmo-la hoje cada vez mais dividida entre grupos que colocam sua lealdade total cada vez mais no grupo étnico de Flamengos ou de Valões. Consideremos o Canadá na I e II Grande Guerra, com seu aparente cometimento total à guerra em benefício da etnia da mãe pátria. E agora como procura reconciliar dificilmente as pretensões dos grupos de língua francesa e de língua inglesa. Consideremos o extraordinário sucesso do nacionalismo escocês na ilha da Grã-Bretanha, onde as divisões étnicas pareciam há algumas poucas décadas totalmente reconciliadas na nova identidade de ser "Britânico". Os Estados Unidos viram o aparecimento do militante movimento Poder Negro, do novo movimento Chicano (Mexicano-Americano) e o movimento Americano-Índio. As nações que são efetivamente um único grupo étnico escapam a essas divisões. Mas poucas têm a sorte, digamos, da Suécia ou da Polônia de após guerra, tornadas "puras" por maciças transferências de população. À medida que velhas divisões se aguçam em alguns estados, outros preocupam-se em saber se seus antigos remendos não se tornarão a romper.

3. Até mesmo muitos dos estados mais velhos que eram étnicamente homogêneos tornaram-se étnicamente mais heterogêneos à medida que as mudanças econômicas do mundo de após guerra levaram a enormes migrações de mão-de-obra. Na Alemanha Ocidental, 2,4 milhões de "trabalhadores hospedes" — principalmente da Turquia, Jugoslávia, Itália e Grécia — constituem atualmente 12 por cento da força de trabalho. A Suíça, proporcionalmente, ainda mais. A França encontrou seus trabalhadores estrangeiros em grande parte na Argélia, Espanha e Portugal. A Inglaterra viu uma migração substancial das Índias ocidentais, do Paquistão e Índia criarem uma permanente população "de côr". Em cada um desses países variam os números específicos e os estatutos legais; mas em cada um deles o que era antes um extraordinariamente alto grau de homogeneidade étnica ficou diluído pela introdução de novos elementos étnicos. Os Estados Unidos, anteriormente uma exceção no mundo devido à sua formação como estado em decorrência de muitos elementos diferentes, tornam-se mais e mais típicos — à medida que a Inglaterra luta com o seu próprio problema de côr, a França cogita sobre a "integração" dos argelianos e a Alemanha considera como educar os filhos de turcos e iugoslavos.

4. Os esforços dos estados, novos ou antigos, para atingirem "pureza étnica" não estão levando a estados étnicamente homogêneos. Burma expulsa seus índios; Uganda desapossa sua comunidade asiática e os judeus de vários estados europeus ocidentais migraram em grande quantidade para Israel. Mas, ironicamente, as tentativas de algumas nações de tornarem-se "étnicamente puras" só fazem complicar os problemas de outras. A comunidade asiática na Inglaterra aumenta e outras comunidades asiáticas estabelecem-se em outras nações européias como resultado da expulsão de asiáticos da África. Os judeus que deixam a Europa oriental entram num Israel étnicamente mesclado, que não é — e nunca o será — isento de uma

grande população árabe. Mas a criação de Israel como um estado primariamente judaico também criou uma diáspora de palestinos. Os judeus são agora iguados em sua dispersão pelos grupos de palestinos residentes em muitos países, o que faz com que o conflito entre esses dois povos do Oriente Médio seja de dimensões mundiais.

Afora o fato de que a purificação étnica de cada nação leva a uma diversidade ainda maior do outro, percebe-se que o esforço de pureza é uma causa perdida, para a maioria dos estados. Poucas nações pretas da África são étnicamente homogêneas. A tentativa de criar homogeneidade pela expulsão dos asiáticos parece tão fútil como seria o esforço de esvasiar o mar. Em geral, apesar dos esforços de tornar alguns estados "étnicamente puros", um número cada vez maior de estados estão tornando-se *multi-étnicos*. Antigas divisões étnicas surgem em velhos estados e novas são criadas em novos estados.

### *Etnia e Classe Social*

Passemos agora à minha segunda tese sobre as relações entre etnia e classe social. A minha proposição aqui é que a esperança socialista de uma luta de classe trans-nacional, baseada em identificação de classe, nunca acontecerá. Ao contrário, ela tem sido substituída por conflitos nacionais e étnicos aos quais os combatentes procuraram frequentemente dar um "caráter de classe". A primeira grande derrota da esperança socialista foi durante a I Guerra Mundial, quando os grandes partidos socialistas da Alemanha e da França tornaram-se patrióticos e lutaram ao lado de seus respectivos governos burgueses contra seus inimigos nacionais (ao invés de junto aos seus "camaradas de classe" de outras nações contra suas respectivas burguesias).

A segunda grande derrota ocorreu com a subida da Terceira Internacional sob dominação soviética russa. Apesar da exagerada retórica de luta de classe que caracterizou os partidos comunistas da Terceira Internacional, tornou-se cada vez mais evidente que eles estavam atendendo aos interesses nacionais da Rússia. Após a II Guerra Mundial, o comunismo foi cada vez mais intimamente integrado num número de movimentos nacionais, particularmente na China, Iugoslávia e Cuba. Ainda persiste a linguagem de luta de classe internacional. Mas a realidade, no entanto, é bastante diferente.

O antagonismo das classes é grave em muitos países (particularmente nos países não comunistas do mundo em desenvolvimento), mas na maioria dos países os interesses nacionais e étnicos parecem dominar os interesses de classe.

Os Marxistas procuram interpretar todo conflito como sendo "conflito de classe". Na verdade, nos conflitos étnicos do mundo de após guerra há sempre um componente de classe. Um grupo é mais próspero, possui mais meios de produção ou é um competidor mais eficaz nas atividades econômicas do que outro. Os interesses econômicos desempenham, sem dúvida, um papel no conflito étnico. Mas isso está longe de significar que o conflito étnico está simplesmente "mascarado" de conflito de classe. O que, nos conflitos entre católicos e protestantes na Irlanda do Norte, de Hausa e Yoruba *versus* Ibo na Nigéria, de Hutu *versus* Tutsi em Ruanda, de Chinês *versus* Malaio na Malásia, de Anglofilo contra Francofilo no Canadá (e assim por diante), é "a comunidade terminal que efetivamente comanda a lealdade dos homens", para utilizar a definição de um historiador de "nação". Eu diria que é cada vez mais a comunidade que é definida *étnicamente* do que qualquer grupo definido exclusivamente pelo *interesse*. A evidência disso é por demais forte para ser desprezada.

### *Impacto nas Relações Internacionais*

À luz dessas duas proposições — que a etnia torna-se cada vez menos coincidente com os limites do estado e de que ela se torna uma base mais forte para a

“lealdade terminal” do que a classe — podemos proceder para traçar algumas conseqüências de importância para as relações internacionais.

Sejam-me permitido recordar — e deixar de lado — as correlações mais tradicionais e mais conhecidas entre etnia e relações internacionais. Elas podem ser descritas como o esforço em fazer com que a etnia coincida com as fronteiras estatais. Assumiram a forma de “irredentismo” — onde um grupo, súditos de um estado dominado por um grupo diferente, procura juntar-se à maior parte do grupo étnico em outro estado. Sua outra forma são os movimentos nacionais de independência, onde todo um grupo fica sujeito a um estado dominado por outro.

Obviamente é um problema real e continua a sê-lo. Mas isso, eu diria, é talvez muito menos importante nas relações entre etnia e conflito internacional — devido ao fato previamente mencionado de que as fronteiras do estado tornaram-se estranhamente imutáveis. A multi-etnia costumava parecer irredentismo. Mas, cada vez mais, aquilo que antes chamariamos de “irredentismo” deve ser simplesmente chamado de *multi-etnia*. Não é fácil fazer com que fronteiras étnicas e fronteiras estatais coincidam. Os grupos étnicos, devido a migrações e interrelacionamentos econômicos, são cada vez menos definidos por fronteiras físicas.

São essas tendências para a *multi-etnia* (combinada com outros desenvolvimentos sociais) que, segundo penso, criam novas relações problemáticas entre etnia e sistema inter-estados.

Um desses desenvolvimentos mais importante é a criação de um sistema internacional de comunicações. Ele faz com que a divulgação de idéias e ideologias de um estado para outro, de uma situação de inquietação a outra torne-se cada vez mais rápida e eficaz. A “etnia”, como parte de uma cultura, sempre teve de ser ensinada. Mas costumava ser ensinada pelos pais aos filhos, pelos professores aos estudantes, pelos líderes aos seus seguidores — i.e., em ambientes tradicionais. Cada vez mais, a etnia e suas possíveis implicações são ensinadas pela “mídia” do povo. Um grupo aprende de outro, colhe sua linguagem, suas exigências, seus ressentimentos, suas formas de organização. Tornou-se lugar comum dizer que os pretos ensinaram através do seu exemplo outros grupos étnicos nos Estados Unidos a fazerem determinadas exigências, a usarem uma certa linguagem, a sentirem ressentimento pela exploração e subordinação em contextos que antes haviam aceito. Isso é obviamente verdadeiro. O que me impressiona é o quanto o movimento da militância negra afetou outros grupos em outros países.

Nas Índias Ocidentais, vimos o aparecimento de movimentos de “Poder Negro” — um termo bastante inapropriado, uma vez que esses movimentos se dirigem contra estabelecimentos negros assim como aos interesses econômicos do branco em sociedades predominantemente negras. (Mas o poder do termo americano, espalhado pela “mídia” da massa, foi evidentemente irresistível). No Canadá, os canadenses francêses tinham suas próprias razões de ressentimento pela posição dominante dos canadenses de língua inglesa; mas um dos melhores livros acerca dessa situação chama-os de “negros brancos!” Do mesmo modo, a Irlanda do Norte tinha seus próprios conflitos profundos, os quais têm uma história muito mais longa do que a dos pretos e brancos na América. Mas o movimento católico foi inicialmente chamado de movimento de “direitos civis”, numa nítida imitação à luta dos negros de “direitos civis” nos Estados Unidos. Os judeus “orientais” em Israel (de menor educação, renda e força do que os judeus “ocidentais”) tinham suas próprias queixas; mas os seus ativistas tomaram o nome de “Panteras Negras”, tomando emprestado o termo à luta americana. E, igualmente, o conflito de cor que vem se desenvolvendo na Inglaterra foi influenciado, por parte dos grupos asiáticos e pretos, pelos acontecimentos nos Estados Unidos.

Esses exemplos da comunicação internacional de idéias, “slogans”, exigências, com um grupo étnico e uma luta étnica influenciando outra, também reflete, naturalmente, a posição dominante dos Estados Unidos na configuração internacional das comunicações. Mas a comunicação, creio, não processa-se num único

sentido. A imagem do Combatente pela Libertação Palestina imprimiu-se tão fortemente na opinião pública mundial como as imagens de Martin Luther King ou de Angela Davis. As duas diásporas internacionalizam a luta através da emulação de suas táticas militantes (ou seja, a técnica palestina de "assalto aéreo") ou pelo transplante de suas querelas no contexto dos conflitos políticos e étnicos de outras nações.

Os novos padrões de comunicação são, creio, uma das forças mais potentes para fazer com que os interesses e assuntos étnicos continuem a ser forças graves e que, na verdade, crescerão de gravidade. A crescente facilidade das viagens aéreas — combinada com a existência de amplas disparidades econômicas entre nações e a crescente atitude liberal para com a imigração de estados europeus e de outros estados com populações de origem européia — faz com que seja certo que cada grupo étnico possa desenvolver uma diáspora. Isso faz com que os seus problemas tenham significação para mais de um estado e seus vizinhos. A facilidade das viagens aéreas também significa que as lutas étnicas podem ser combatidas em bases mundiais, envolvendo nações que aparentemente estão distantes da luta. A luta dos israelitas e árabes teve talvez a mais ampla esfera de ação à medida que cartas-bombas explodem na Inglaterra, Índia e Malásia. A luta entre a Índia e o Paquistão tem também seu raio de ação internacional uma vez que jovens paquistaneses são mortos na tentativa de sequestro de funcionários indianos em Londres. Os croatas, atualmente radicados na Suécia e na Austrália, continuam sua luta armada contra a Iugoslávia.

#### *Uma Consciência Mundial*

Assim, um grande número de fatores, parece-me, estão levando à internacionalização dos conflitos étnicos, a uma "universalização da etnia". Há, antes de mais nada, a crescente dificuldade, se não impossibilidade, de fazer com que etnia e estado coincidam. Em segundo lugar, há o rápido crescimento das comunicações internacionais que fez com que houvesse um aumento da consciência étnica em toda a parte. Quanto a um terceiro fator que leve à internacionalização do conflito étnico estou menos seguro. Mas creio poder pelo menos propor como uma hipótese o fato de que estamos cada vez mais recusando aceitar como moral — e por "nós" refiro-me ao que pode ser vagamente chamado de comunidade internacional da opinião pública — a exploração ou perseguição de uma minoria étnica por um estado. Cada vez mais recusamos aceitar isso como um assunto "interno". As relações internacionais da África do Sul, Rodésia e Portugal são decisivamente afetadas por suas políticas raciais. A Rússia Soviética vem insistindo em que todos os conflitos que dizem respeito aos seus grupos étnicos são puramente assuntos internos — mas os judeus russos desafiaram com sucesso essa posição ao tornarem sua exigência de emigração um assunto entre estados (neste caso, Estados Unidos e Rússia). O tratamento dos negros americanos por certo afeta a imagem internacional da América — os casos de Angela Davis e de outros militantes pretos receberam tanta atenção na Europa Ocidental como nos Estados Unidos. O mundo em desenvolvimento procurou argumentar de que os seus conflitos étnicos deveriam ser de sua exclusividade e que o mundo exterior não deveria intervir. Mas nenhum assunto étnico pode permanecer simplesmente um assunto intra-estado, em parte devido à consciência mundial em desenvolvimento que procura reconciliar os reclamos do estado com as reivindicações étnicas, que são cada vez mais encaradas como legítimas.

Volto à pergunta inicial: Por que as identidades e exigências étnicas tornaram-se tão significativas em um tão grande número de diferentes países com os mais variados passados históricos e as mais diversas instituições econômicas e políticas? Talvez que a teoria geral mais ambiciosa argumente como segue. No

mundo moderno existe uma perda das identidades tradicionais devido às tendências da modernização — urbanização, novas ocupações, educação de massa, “mídia” da massa. Uma vez que permanece na massificação da sociedade a necessidade que o indivíduo resente de alguma espécie de identidade — menor do que o estado, maior do que a família — novas identidades étnicas estão surgindo.

Outra teoria focaliza a crescente maré de igualitarismo que legitima as exigências de um grupo de que as suas deficiências (de renda, ocupação, poder político) sejam aceitas, e *agora*. Por que, contudo, o impulso igualitário não enfatiza mais identidades *ocupacionais* e de *classe*? Por que não leva ele a mais conflito de classe e menos conflito étnico? Por certo porque o apelo da identidade étnica toca mais as camadas emocionais da personalidade humana e social do que o faz o apelo à identidade de classe. Ela tóca em coisas fundamentais como a nossa língua e religião, às nossas primeiras experiências familiares, à nossa auto-imagem física.

### *Futuro da Etnia*

Devido a todas as razões apontadas, a etnia parece ter-se tornado uma força permanente no mundo moderno, com a forma multi-étnica tornando-se cada vez mais comum dentro de cada nação. É portanto urgente que cada país reconheça a necessidade de novas abordagens de enfrentar o conflito multi-étnico. No passado histórico, a assimilação enérgica e vigorosa era a abordagem dominante, combinada com a permanente subordinação de determinados grupos chamados “inferiores”. Nenhuma dessas duas abordagens sobreviverá por muito tempo no mundo contemporâneo. O espírito do igualitarismo garante-nos que cada grupo fará suas reivindicações a um tratamento justo e igual e que encontrará apoio às suas pretensões. Talvez que a resposta à multi-etnia em cada país será a situação em que cada grupo tenha direitos garantidos e participação garantida na economia, na política e na vida social. É possível enfatizar diferentes partes dessa solução: quer participação garantida para cada grupo ou direitos garantidos para cada indivíduo e cada grupo.

No passado, os Estados Unidos pareceram terem achado que a abordagem em termos de “direitos garantidos” era mais conveniente do que a abordagem em termos de “participação garantida”; mas ultimamente os americanos começaram a encarar menos seriamente os direitos individuais e a levar mais a sério a participação de grupo. Acho que a experiência americana demonstrará ser ela somente uma das possíveis maneiras em que um estado moderno lida com os problemas de multi-etnia. Nossa experiência — uma vez que somos a mais diversa e complexa das multi-étnicas sociedades — poderá servir como “um modelo” para alguns; pode pelo menos servir como um celeiro de experiências de tentativa e erro para outros que venham a examinar o que fizemos ponderem se devem fazer da mesma maneira.

Ainda afora os conflitos *dentro* das nações, a expansão mundial da etnia, como uma base significativa para ação política, levanta sérias questões acerca das relações *entre* nações. Num mundo em que o “interesse de classe” do conceito Marxista compete com as confusões do liberalismo “universalista”, os problemas de etnia, como fonte de conflito dentro das nações e entre nações, geralmente pareceram como sendo simplesmente uma consequência das dificuldades do passado. Estou convicto de que devem ser colocados no centro de nosso interesse pela condição humana.